



POR QUE OS ESTADOS UNIDOS PRECISAM DA INICIATIVA DE DEFESA ESTRATÉGICA

Kim R. Holmes

*Transcrição de matéria da Military Review, Edição Brasileira, Jul/Ago 88.
Consta de sua sinopse:*

"Assunto muito em voga atualmente, a Iniciativa de Defesa Estratégica, ou SDI, é considerada por alguns como inadequada por se basear em armamento defensivo. Já outros a encaram como um trunfo a ser utilizado pelos Estados Unidos durante as conversações sobre a redução de armas nucleares estratégicas. O autor deste artigo, por sua vez, além de propiciar aos leigos um conhecimento, ainda que superficial, de tão importante assunto para a segurança dos EUA, expõe várias das razões por que os EUA precisam, sem perda de tempo, da SDI."

POR QUE precisamos da Iniciativa de Defesa Estratégica (SDI)? Por que precisamos, efetivamente, de defe-

sas contra os mísseis balísticos soviéticos? Algumas pessoas acham que, na era nuclear, o míssil balístico é a principal ar-

ma contra a qual não se pode construir nenhuma defesa adequada. Constituindo-se, em sua maioria, em críticos da *SDI*, elas acreditam que uma estratégia nuclear predominantemente ofensiva – ao invés de defensiva – tem sido consagrada, definitivamente, como a única forma de assegurar a dissuasão na era nuclear.

Todavia, será que os críticos da *SDI* estão certos ao pensar que uma estratégia ofensiva é a única opção na era nuclear? Eu lhes sugeriria que reavaliassem os seus pensamentos e considerassem uma lição histórica que remonta a outra época, quando os estrategistas e táticos militares pensavam que a ofensiva era suprema e que nenhuma defesa adequada podia ser construída contra uma nova e revolucionária arma ofensiva.

Refiro-me à *blitzkrieg* – a suprema estratégia ofensiva da 2ª Guerra Mundial –, responsável pelas impressionantes vitórias militares alemãs na Polônia, França e, nos primeiros dias da guerra, também na Rússia. De 1939 a 1941, os exércitos blindados de Hitler percorreram, praticamente à vontade, toda a Europa, tendo simplesmente contornado a linha Maginot, na França, e esmagado forças numericamente superiores na Polônia e na Rússia, através de investidas audazes e grandes envolvimento. Os dias da defe-

sa estática pareciam ter chegado ao fim, e na guerra terrestre e aérea a estratégia e a tática de ofensiva reinavam absolutas. Parecia que ninguém jamais voltaria a propor uma estratégia baseada na defesa.

Operações Defensivas Vitoriosas

Mas será que a ofensiva reinou suprema durante todo o resto da 2ª Guerra Mundial? Claro que não. Permita-me trazer à sua lembrança uma famosa batalha de CC na Frente Oriental, em 1943, que não somente mudou o curso da guerra no Leste, como também demonstrou, de uma vez por todas, as limitações tanto dos CC como da tática predominantemente ofensiva da *blitzkrieg*.

Refiro-me à Batalha de Kursk, travada a 5 de julho de 1943. Hitler acabara de ser derrotado em Estalingrado e, desejando retomar a iniciativa estratégica, desencadeou, na área de Kursk, uma ofensiva de grande vulto – cognominada Cidadela – empregando 50 divisões, 900.000 homens, 10.000 canhões, 2.700 CC e 2.000 aviões. Essa força foi lançada contra uma saliência fortemente defendida na linha soviética – fortificada com cercas de arame farpado destinadas a deter a infantaria, barreiras anticarro, in-

clusive as do tipo dentes de dragão, campos de tiro desobstruídos para facilitar o fogo contra os CC e armadilhas cuidadosamente preparadas para destruí-los caso se aproximassem, enquanto eram submetidos a intenso fogo de artilharia.

No primeiro dia do ataque, os alemães já haviam perdido 350 carros de combate e 10.000 homens, o que lhes fez diminuir a intensidade da investida e, em questão de dias, iniciavam a retirada, pois as defesas anticarro soviéticas eram simplesmente demasiado poderosas. O Exército Vermelho passou, então, à contra-ofensiva, tendo os alemães, ao final da batalha, perdido meio milhão de homens, entre mortos e feridos, enquanto o Exército Vermelho mantinha a iniciativa estratégica até a sua vitória em Berlim.

O Crescente Interesse pela SDI

O míssil balístico é, sem dúvida, uma arma mais poderosa que o CC, exigindo uma tecnologia de defesa mais sofisticada que este último. O fato, porém, é que se a estratégia ofensiva da *blitzkrieg* baseada numa nova arma, o carro de combate, provou ser limitada e, posteriormente, mal sucedida, diante de uma determinada e bem planejada estratégia de defesa, en-

tão provavelmente o resultado também não será diferente no que concerne ao míssil balístico e à estratégia nuclear exclusivamente ofensiva da destruição mútua assegurada (*MAD*), desde que exista uma tecnologia de defesa eficaz e uma integração tática e estratégica adequada.

É importante que se compreenda que o conceito da *SDI* não surgiu do nada, e que, embora pareça que o famoso discurso proferido por Ronald Reagan, a 23 de março de 1983, anunciando a *SDI* tenha apanhado muita gente de surpresa, o interesse pela defesa estratégica já vinha crescendo de há muito tempo, em consequência das seguintes razões:

- O controle de armamentos – vale dizer, os Tratados de Limitação de Armamentos Nucleares *ABM*, *SALT I* e *SALT II* – não pôs termo à corrida armamentista. Os tratados *SALT* apenas estabeleceram limites para os já elevados níveis de armas estratégicas, permitindo à União Soviética desdobrar, após a assinatura do *SALT I*, em 1972, oito novos tipos de mísseis balísticos, 4.000 ogivas de mísseis balísticos adicionais e um novo tipo de bombardeiro estratégico.

- A União Soviética não adotou o nosso pensamento estratégico sobre guerra nuclear e nunca aceitou a nossa doutrina

da MAD, que preconizava que a ameaça de um suicídio nuclear mútuo dissuadiria ambos os lados a iniciarem uma guerra nuclear. Os soviéticos, por conseguinte, jamais aceitaram, efetivamente, a idéia básica do controle de armas, e nunca acreditaram, ao contrário dos partidários da MAD, que seja desnecessário estocar um número cada vez maior de armas nucleares e que, parafraseando Winston Churchill, isto apenas "serviria para sacudir os escombros". Ao invés disso, eles continuaram a fabricar armamentos nucleares e, conforme disse certa vez o antigo Secretário de Defesa, Harold Brown, "quando fabricamos, eles também fabricam; quando não fabricamos, eles continuam a fabricar."

• Os soviéticos prosseguiram na execução de seu programa de defesa estratégica. Enquanto os Estados Unidos desmantelavam seus mísseis antibalísticos e as defesas aéreas estratégicas, Moscou continuava a desenvolver e descobrir gerações de mísseis antibalísticos, radares de rastreamento, aviões interceptadores e mísseis superfície-ar destinados à defesa contra mísseis balísticos e à defesa antiaérea.

• Os soviéticos foram surpreendidos infringindo os acordos sobre o controle de armamentos e suas violações dos Tratados ABM e SALT II puse-

ram em dúvida a confiabilidade do controle de armamentos como um meio de garantir a segurança dos EUA.

• As recentes mudanças tecnológicas puseram fim à crença predominante na época da assinatura do Tratado ABM de que eficazes defesas estratégicas eram tecnicamente impossíveis. Os progressos na pesquisa do laser, nas armas que utilizam a energia cinética, na tecnologia de sensores, na fibra ótica e no processamento de dados renunciaram ser possível o desenvolvimento de um sistema de defesa estratégica militarmente adequado e econômico.

A pergunta, no entanto, ainda persiste: Por que precisamos da SDI? Conhecemos a sua origem, mas será que sabemos realmente por que precisamos dela?

Afirmo que sim pelas seguintes razões:

• **Para fazer frente ao programa de defesa estratégica soviético.**

A União Soviética tem mais de 10.000 cientistas e técnicos trabalhando em meia dúzia de importantes centros de pesquisa e desenvolvimento da defesa estratégica. Durante os últimos dez anos, os soviéticos despenderam em torno de 150 bilhões de dólares em defesa estratégica, quase 15 vezes mais que os

EUA, e, em 1984, o Pentágono salientou que os gastos soviéticos com a pesquisa de laser eram cerca de três a cinco vezes superiores aos norte-americanos. O mais alarmante em tudo isso, porém, é que os soviéticos possuem o único sistema de mísseis antibalísticos operacional do mundo, bem como o mais amplo sistema de defesa antiaérea, ao passo que os EUA não dispõem, praticamente, de nenhum sistema de defesa antiaérea para o continente norte-americano.

E que vantagens os soviéticos estão obtendo como resultado de toda essa atividade de defesa estratégica? O sistema de mísseis antibalísticos, instalados em torno de Moscou, está sendo modernizado, e os soviéticos estão desdobrando grandes sistemas de radar, formando um extenso arco que se estende por todo o país, o que sugere que se estão preparando para a montagem de um sistema de defesa estratégica nacional. Desdobraram mísseis superficiais que podem ser recondicionados com o objetivo de destruir as ogivas dos mísseis balísticos norte-americanos e possuem linhas de produção de mísseis e radares que poderiam produzir, de imediato, um grande número de sistemas de mísseis antibalísticos, num ritmo muito maior do que os norte-americanos.

Tudo isso significa que Mos-

cou poderia construir um sistema de mísseis antibalísticos abrangendo todo o território nacional — fundamentado em sistemas terrestres — com muito maior rapidez do que os EUA. Portanto, precisamos da *SDI* como uma proteção contra essa possibilidade. Precisamos, outrossim, de avançadas tecnologias de *ABM* desenvolvidas e testadas com a finalidade de nos preparar para a possibilidade de algum dia, no futuro, Moscou declarar que “não mais observamos o Tratado *ABM* e estamos construindo, a partir de hoje, um sistema *ABM*.” Não podemos ser apanhados completamente de surpresa, pois, sem defesas próprias, nossas forças nucleares estratégicas seriam impotentes para fazer face a um sistema de defesa estratégica nacional dos soviéticos e incapazes de ameaçá-los com a quase certa destruição nuclear de seu país, argumento no qual se fundamenta a nossa atual estratégia de dissuasão.

● Para restabelecer a dissuasão.

Os Estados Unidos estão perdendo, para a União Soviética, a corrida em armas nucleares estratégicas, pois Moscou encontra-se uma geração à nossa frente no que se refere aos mísseis estratégicos desdobrados, e já estão desdobrando o *SS-25* móvel, enquanto o

nosso novo míssil móvel de ogiva única, *Midgetman*, ainda está em fase de projeto. Os soviéticos nos superam também numa proporção de 3 para 1, quanto ao número de ogivas capazes de destruir os mísseis inimigos nos seus próprios silos, e de 4 para 1, no mínimo, no que se refere à capacidade destrutiva nuclear (isto é, a carga lançada, ou a capacidade de lançar o poder explosivo nuclear). Além disso, Moscou dispõe, para cada silo de míssil norte-americano, de cinco ogivas altamente precisas e poderosas, capazes de destruí-lo trinta minutos após serem lançadas.

Tudo isso dá à União Soviética a capacidade de desfechar o primeiro ataque — isto é, a capacidade de nos atingir com tanta força, no primeiro ataque nuclear, que a retaliação talvez se torne militarmente insignificante, porque simplesmente estaremos convidando os soviéticos a uma retaliação semelhante, que custará a vida de milhões de norte-americanos — e tudo sem qualquer outro propósito que não o de vingança.

Afirmo, portanto, que nossa capacidade de dissuadir os soviéticos está sendo erodida, que precisamos restabelecer esta dissuasão, e que a *SDI* pode nos ajudar muito nessa tarefa.

A *SDI* pode, por exemplo, tornar o primeiro ataque praticamente impossível, porque se

os soviéticos não puderem ter a certeza do sucesso daquela ação ofensiva contra um escudo de defesa estratégica que esteja protegendo os EUA, não será sensato, portanto, desencadeá-lo. Estudos têm demonstrado que um sistema de defesa estratégica capaz de abater 90 por cento de todas as ogivas soviéticas torna um primeiro ataque militarmente sem significado. O inimigo é dissuadido quando o risco do fracasso é superior à possibilidade de auferir uma vantagem, e com uma *SDI* eficaz, esta possibilidade é praticamente eliminada. Por que razão, então, desencadeariam os soviéticos um primeiro ataque contra nós se tivessem a certeza de que apenas 10 por cento das suas armas nos atingiriam? Além disso, cresce também a possibilidade de desencadearmos uma retaliação contra eles com as nossas próprias forças nucleares. Será que faz sentido iniciar uma 3ª Guerra Mundial se o único desfecho provável é um impasse, com milhões de vidas perdidas por absolutamente nada? Claro que não. O principal aspecto, portanto, é que a *SDI* descarta o primeiro ataque como uma opção militar viável.

Mas a *SDI* pode também atingir outros objetivos. É claro que ela protegerá milhões de vidas, caso a dissuasão fracasse, ou no caso de um lançamen-

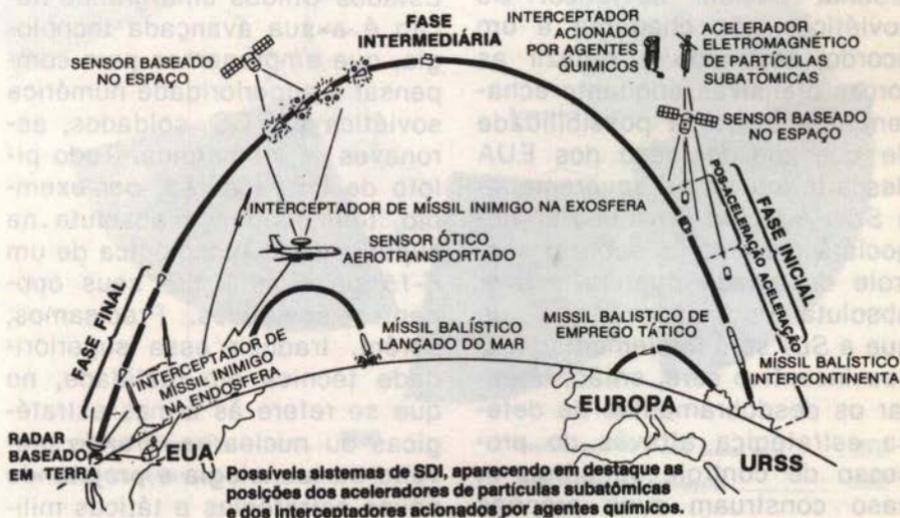
to acidental de um míssil soviético ou de qualquer outra potência nuclear, bem como protegerá nossos centros nacionais de comando e controle, permitindo que eles possam responder mais eficientemente na eventualidade de sermos atacados.

O mais importante, entretanto, é que isso significa que estamos revertendo o sentido da terrível estrada que ora trilhamos – uma estrada em que dependemos exclusivamente de forças nucleares ofensivas para dissuasão. Precisamos introduzir ações defensivas no jogo da dissuasão – um jogo em que os soviéticos estão muito melhores do que nós. Com defesas, podemos aumentar a nossa confiança em nossa postura de dissuasão e descansar mais tranquilos, certos de que, numa cri-

se, nenhum general soviético jamais aconselhará o seu chefe político a atacar os norte-americanos utilizando, em primeira instância, armas nucleares, por ser mais vantajoso, preferindo esperar que se apresente alguma outra opção.

• Para melhorar as perspectivas no que concerne ao controle de armas.

O principal objetivo da atual estratégia soviética de controle de armas é pôr fim à SDI, pois os soviéticos estão altamente preocupados com a nossa capacidade de desenvolver e desdobrar avançados sistemas militares no espaço. Lembram-se que perderam a corrida para a lua, e sabem também que a nossa base tecnológica é superior à deles. O que eles mais temem, po-



rém, é que também perderão a corrida no que se refere aos avançados sistemas militares baseados no espaço, que poderão ser utilizados para interceptar mísseis balísticos, melhorar a nossa capacidade de vigilância, rastreamento e administração do combate de forças convencionais no terreno e construir uma base de pesquisa da qual poderão emergir novos tipos de armamentos não-nucleares, capazes de revolucionar a guerra convencional.

Enquanto Moscou pensar que pode pôr fim à *SDI* evitando as perspectivas de grandes reduções nas forças ofensivas nucleares, nenhum acordo deverá ser firmado. Já tentamos, no Tratado ABM, de 1972, trocar defesas por limitações nas forças ofensivas mas, ainda assim, houve um grande aumento no arsenal nuclear soviético. Os soviéticos não chegarão a um acordo destinado a reduzir as forças ofensivas, enquanto acharem que existe a possibilidade de que o Congresso dos EUA descarte ou limite severamente a *SDI*. A União Soviética só negociará seriamente sobre o controle de armas quando estiver absolutamente convencida de que a *SDI* será implementada. O seu incentivo será, então, orientar os desdobramentos da defesa estratégica através do processo de controle de armas e, caso construam suas próprias

defesas estratégicas, limitar os níveis gerais da força ofensiva, para aumentar a eficácia de suas defesas.

Dessa forma, ao invés de dificultar o controle de armas, conforme pensam alguns críticos, a *SDI* pode, na realidade, ser o único meio de obtermos o controle de armas. Seriam necessárias, por certo, negociações muito difíceis, mas a atual abordagem, de aguardar concessões norte-americanas com relação à *SDI*, em troca de concessões soviéticas no que concerne às forças ofensivas, não é a mais adequada.

● **Para mantermos a nossa vantagem tecnológica.**

Precisamos da *SDI* para mantermos nossa vantagem tecnológica sobre a União Soviética. Uma das coisas que tornam os Estados Unidos uma grande nação é a sua avançada tecnologia, que empregamos para compensar a superioridade numérica soviética em CC, soldados, aeronaves e submarinos. Todo piloto da Força Aérea, por exemplo, tem confiança absoluta na superioridade tecnológica de um *F-15* ou *F-16* sobre seus oponentes soviéticos. Precisamos, porém, traduzir essa superioridade técnica em realidade, no que se refere às armas estratégicas ou nucleares, tirando proveito da tecnologia e projetando novas estratégias e táticas mili-

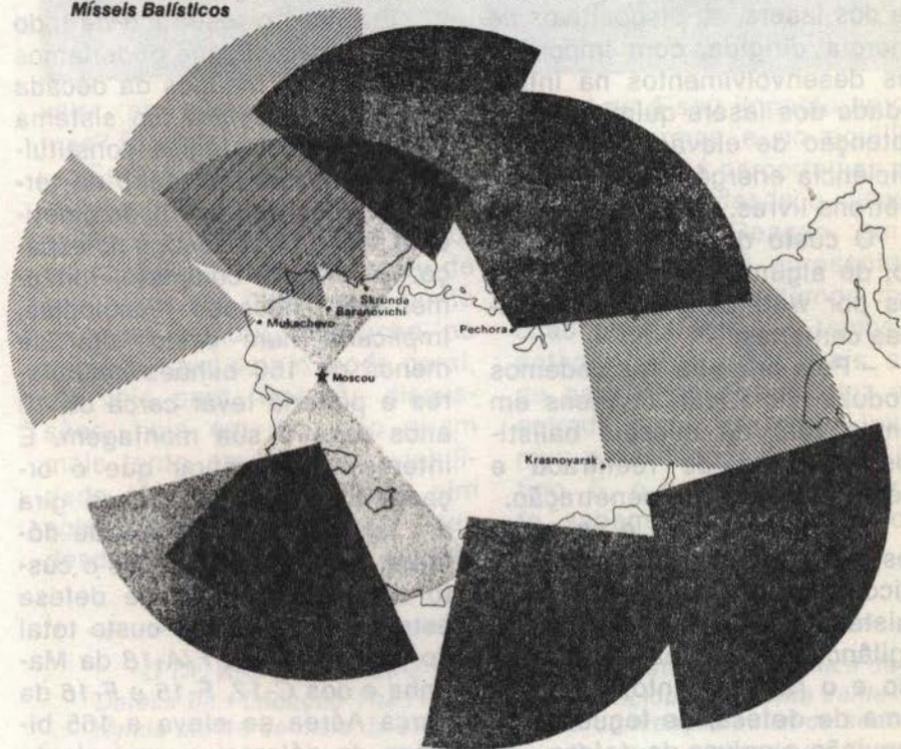
tares eficazes para diminuir a ameaça da guerra nuclear.

Os céleres avanços na tecnologia de defesa estratégica alcançados desde o início do programa da SDI indicam que podemos fazê-lo, como se deduz pelos seguintes exemplos:

– Tem havido muito progresso na tecnologia de veículos de destruição que utilizam a energia cinética – vale dizer, peque-

nos foguetes autopropulsados, que podem destruir um foguete de impulsão ou uma ogiva ao chocarem-se contra eles, a alta velocidade. O Exército dos EUA já conseguiu êxito num grande número de intercepções dirigidas, com impactos diretos, contra alvos de reduzida seção transversal de radar a baixa altitude, em experiências realizadas em seu território – a chamada Experiência Flexível, Leve

Radares de Condução do Combate, Rastreamento de Alvos e de Alerta Antecipado contra Mísseis Balísticos



Radares em Fase de Grande Porte

Radares DOG HOUSE/CAT HOUSE

Novos Radares em Fase de Grande Porte

Radar Instalado em Krasnoyarsk

e Ágil, ou *FLAGE*, conduzida em 1986.

— Outra experiência, cognominada *Delta 180*, foi realizada a 5 de setembro de 1986, quando um foguete lançado da terra atingiu e destruiu um objeto no espaço, provando que agora sabemos mais sobre como rastrear objetos no espaço e lançar foguetes contra eles, para destruí-los com precisão.

Têm havido consideráveis avanços, a cada dois ou três anos, no que tange à intensidade dos lasers, ou dispositivos de energia dirigida, com importantes desenvolvimentos na intensidade dos lasers químicos e na obtenção de elevados níveis de eficiência energética no laser de elétrons livres.

O custo do laser foi reduzido, de alguns milhares de dólares por watt para apenas algumas centenas.

— Pela primeira vez podemos produzir, no radar, imagens em tempo real de mísseis balísticos, veículos de reentrada e meios auxiliares de penetração.

A miniaturização e os avanços nos desenhos dos sensores óticos ocasionaram rápidas conquistas na área da tecnologia de vigilância, crítica para a detecção e o rastreamento, pelo sistema de defesa, de foguetes de impulsão e ogivas da defesa.

— Muitas têm sido as conquistas na área da tecnologia de feixes de partículas neutras, que

poderiam ser empregados no disparo contra ogivas e simulacros no espaço, não para destruí-los, mas para sondá-los, de alguma forma, possibilitando aos detectores de vigilância distinguir entre uma ogiva verdadeira e uma falsa. Essa missão de "discriminação interativa" é crítica se desejarmos possuir um sistema de defesa estratégica altamente eficaz, que possa interceptar uma rajada de ogivas disparadas durante um primeiro ataque contra os EUA.

E qual é o resultado de todo esse avanço? É que poderíamos começar, em meados da década de 90, a desdobrar um sistema de defesa estratégica constituído de mísseis baseados na terra, veículos de destruição cinética e sensores baseados no espaço. O sistema completo, fundamentado nessas tecnologias, implicaria num custo total de menos de 150 bilhões de dólares e poderia levar cerca de 10 anos para a sua montagem. É interessante lembrar que o orçamento anual da Defesa gira em torno de 300 bilhões de dólares, ou seja, duas vezes o custo total do sistema de defesa estratégica, e que o custo total do programa dos *F/A-18* da Marinha e dos *C-17*, *F-15* e *F-16* da Força Aérea se eleva a 165 bilhões de dólares, o equivalente ao custo total da primeira fase do sistema *SDI*. Será que a defesa estratégica tem o mesmo



valor, em custos, que estas armas? Eu acho que sim.

Será que estamos prestes a iniciar uma nova era? Ainda existe a possibilidade de o programa *SDI* ser cancelado, ou de seu ritmo ser reduzido a ponto de torná-lo inútil, mas acho, no entanto, que, de um modo geral, ele veio para ficar. As discussões, hoje em dia, não giram mais tanto em torno da viabilidade técnica da *SDI*, mas sim sobre quando começará seu desdobramento, quanto custará

e qual será seu impacto no controle de armas e no equilíbrio estratégico. Já percorremos uma longa estrada desde o discurso do Presidente Reagan, em 23 de março de 1983, apresentando a *SDI*, mas ainda temos muito chão pela frente. Já temos, no entanto, uma idéia mais clara de para onde nos conduz essa estrada e quanto tempo levaremos para chegar ao nosso destino. E, o que é mais importante, sabemos que a jornada deve ser iniciada.

O Dr. Kim R. Holmes é o Subdiretor de Estudos de Política de Defesa da Fundação The Heritage, e pronunciou a presente conferência em 16 de maio de 1987, durante a convenção anual da sede de Ohio da Associação de Oficiais da Reserva, realizada na Base Aérea de Wright-Patterson, Dayton, Ohio.
